

■ O português de gramática a gramáticas

MARCO ANTONIO MARTINS

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Resumo: Apresento, neste artigo, uma descrição dos padrões empíricos de ordenação dos pronomes clíticos atestados em textos escritos por portugueses e por brasileiros nascidos ao longo dos séculos 13 e 20. O objetivo é evidenciar de que modo a sintaxe da ordem dos clíticos tem sido interpretada por diversos autores como reflexo de mudanças sintáticas que estão na origem de diferentes gramáticas do português.

Palavras-chave: sintaxe; gramática; português; clíticos

Abstract: This article is aimed to describe the empirical patterns of the order of pronominal clitics in texts written by Portuguese and Brazilians born over the 13th and 20th centuries. Its goal is to demonstrate how the ordering of clitics has been interpreted by several authors as a reflection of syntactic changes giving rise to different grammars of Portuguese.

Keywords: syntax; grammar; portuguese; clitics

Introdução¹

Considerando diferentes estágios gramaticais do português, apresento, neste artigo, uma breve revisão de estudos recentes que descrevem padrões empíricos gerais de ordenação de clíticos, com base em *corpora* de natureza vária, em textos escritos por portugueses e brasileiros no curso dos séculos 13 a 20. O percurso traçado tem por objetivo apresentar um panorama geral dos padrões de ordenação dos pronomes clíticos, instanciados nos textos e interpretados como reflexos de mudanças sintáticas que estão na origem de diferentes gramáticas do português.

O artigo está organizado em três seções: na primeira, retomo estudos sobre os padrões de ordenação de clíticos em textos portugueses escritos entre os séculos 13 a 16, ou mais especificamente, sobre os diferentes padrões de ordenação instanciados pela gramática do Português Antigo (PA, doravante) e pela gramática do Português Clássico (PC); na segunda seção, sistematizo os padrões de ordenação encontrados, de um lado, em textos portugueses escritos entre os séculos 16 a 20, a fim de delinear o processo de mudança da gramática do PC para a gramática do Português Europeu moderno (PE); e, de outro lado, em textos brasileiros escritos entre os séculos 19 e 20, a fim de delinear o processo de mudança do PC para o Português Brasileiro (PB); na terceira e última seção, sistematizo os padrões de ordenação dos pronomes clíticos evidenciados ao longo dos séculos, de gramática a gramáticas

1 De gramática a gramática: do PA ao PC

De acordo com A. M. Martins (1994), na gramática do português Medieval e Clássico², de um lado, os clíticos podiam se antepor ou se pospor aos verbos em orações não-dependentes afirmativas (e não introduzidas por quantificadores, (determinados) advérbios ou sintagmas interrogativos ou focalizadores. No Português Europeu moderno (ou em textos portugueses escritos a partir do

¹ Este artigo é uma versão revisada de parte do capítulo 1 da minha tese de doutorado (cf. M. A. MARTINS, 2009).

² A denominação de Português Medieval e Português Clássico proposta por A. M. Martins abarca o período correspondente aos séculos 13 a 17/18. Na análise defendida pela autora, o século 17 marcaria o advento de uma nova gramática: o PE.

século 17), de outro lado, os clíticos necessariamente se pospõem aos verbos nesses tipos de construções. O novo padrão enclítico nesses contextos registraria o advento dessa nova gramática, em relação às anteriores, instanciada nos textos.

Centremos nossa discussão na descrição e análise realizada pela autora sobre padrões de ordenação dos pronomes clíticos em textos escritos dos séculos 13 a 16. A descrição tem como base um *corpus* de documentos notariais, por ela editado, e dados de outra natureza (tais como dados disponíveis em trabalhos já publicados sobre o assunto e em textos literários). Os padrões de colocação dos clíticos no português dos séculos 13 a 16 são: em orações não-dependentes simples, principais e coordenadas não disjuntivas, há variação ênclise/próclise. A próclise é a única opção apenas nos seguintes ambientes sintáticos: (i) *orações com operadores de negação* (cf. (1)); (ii) *orações com quantificadores (que ocupam uma posição interna à oração e não a de um adjunto frásico e que tenham uma leitura quantitacional e não de grupo)* (cf. (2)); (iii) *orações com determinados advérbios em posição pré-verbal* (cf. (3)); e (iv) *orações iniciadas por constituintes focalizados* (cf. (4)).

- (1) e se algue veer asj da nosa parte como da estraya que este nosso feyto quiser britar nõ l^j seya outorgado. (*Documentos Notariais, 1277*)
- (2) e todos assy o outorgarom. (*Documentos Notariais, 1458*)
- (3) a. et ajnda por esto se proua que... (*Orgando 1980*)
b. bem sse vinga per vós em mi (*Orgando 1980*)
c. Já os quis Deos de morte guarecer (*Orgando 1980*)
d. Agora vos diremos das geerações de Caym (*Orgando 1980*)
e. et sempre os vencia (*Orgando 1980*)
- (4) a. E esta doaçõ lhy faço por muyto be que ouuj desse Mosteiro (*Documentos Notariais, 1317*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 17-40)

Em orações com o verbo em primeira posição absoluta, A. M. Martins, seguindo os resultados já atestados na gramática do Português Antigo de Huber (HUBER, 2006 [1933]), não encontra nenhuma ocorrência de anteposição do clítico. Esse é um contexto de ênclise absoluta mesmo em textos do século 16 em que a próclise passa a ser o padrão de colocação dos pronomes clíticos nos “contextos de variação diacrônica”, como descrito mais a seguir.

O estudo feito por A. M. Martins revela uma mudança em curso nos contextos de variação ênclise (Vcl)/próclise (clV) refletida nos textos escritos entre os séculos 13 e 16: em termos quantitativos, a frequência de clV em contextos de variação, pouco produtiva em textos do século 13, vai, ao longo dos séculos, se tornando o padrão até ser a ordem categórica (exceto nos ambientes de não-variação, como discutido acima) em textos do século 16 – 3 ocorrências de 45 dados (6,7%) em textos do século 13; 23 ocorrências de 85 dados (27%) no século 14; 54 ocorrências de 64 dados (84,4%) no século 15 e 61 ocorrências de 61 dados (100%) em textos do século 16, conforme resultados sistematizados pela autora (A. M. MARTINS, 1994, p. 56 – quadro I).

Para sumarizar, os resultados empíricos obtidos por A. M. Martins mostram que, em contextos de “variação diacrônica”, os textos do século 16 refletem um diferente padrão de ordenação Vcl/clV quando comparados aos textos dos séculos que o antecedem: as ocorrências de clV são pouco produtivas em textos do século 13; aumentam gradativa e significativamente em textos dos séculos 14 e 15; e estabelecem-se como o padrão (categórico) em textos do século 16. A alteração do padrão enclítico para proclítico em textos escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 13 a 16 é interpretada nesse estudo como o reflexo de uma mudança gramatical (ou sintática) que instaura uma nova gramática, o PC.

Há de se considerar que o século 16 reflete um período bastante significativo na história da língua

portuguesa. Destaquemos, pois, nas palavras de Charlotte Galves, a importância do século 16 na história (não apenas linguística) do português.

Lembramos que do ponto de vista tradicional, o grande divisor de águas da história do português é o século 16. As razões para isso são de duas ordens. Do lado da história externa, o século 16 é o século da expansão da tipografia e com ela da normatização da língua com o surgimento das primeiras gramáticas. Do lado da história interna, como mencionamos acima, é o marco final da presença de traços da língua arcaica nos textos. (GALVES, 2007, p. 12).

O novo padrão de ordenação clV associado ao advento do PC, entretanto, não substitui imediatamente o antigo padrão Vcl do PA nos textos históricos. Sabe-se que formas novas não substituem imediatamente formas antigas num processo de mudança nas línguas naturais, mas sim que a mudança sintática no curso do tempo reflete um processo gradativo, frequentemente associado a uma curva em “S”. Tomando por base o corolário proposto por Kroch (1989), de que a mudança sintática procede via competição de gramáticas, Galves (2004), Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) e Galves (2007) propõem que no período correspondente à segunda metade do século 14 e meados do século 16 convivem diferentes padrões de ordenação Vcl/clV, gerados, por sua vez, por diferentes gramáticas do português: o PA e o PC.

O PC, por sua vez, também segundo a proposta das autoras, perdura os séculos 16, 17 e 18, até que novos padrões de ordenação evidenciem diferentes propriedades de dois novos sistemas, *d'aquém-mar* e *d'além-mar*, o PE e o PB. As formas antigas geradas por uma gramática conservadora são substituídas gradativamente pelas formas geradas por uma gramática inovadora e o século 18, nesse contexto, é cenário da competição entre diferentes gramáticas. Como já dito, o período que corresponde

à origem do PC, na segunda metade do século 14, e às origens do PE e do PB, no início do século 18, tem sido denominado por Galves de Português Médio.

2 De gramática a gramáticas: do PC ao PE e ao PB

2.1 do PC ao PE

Nesta seção, sistematizo resultados de alguns estudos recentes em sintaxe diacrônica sobre a ordenação de clíticos nas gramáticas do PC e do PE com base em dados de textos escritos extraídos de corpora vários; mais especificamente, sistematizo resultados relacionados à ordenação de clíticos que identificam diferentes padrões empíricos associados ao advento do PE contemporâneo no curso dos séculos (cf. A. M. MARTINS, 1994; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Considerando apenas os contextos de variação Vcl/clV em orações finitas não-dependentes ‘neutras’, atestados em textos portugueses dos séculos 13 ao 16 (documentos notariais e textos literários), A. M. Martins, em seu estudo já referido sobre *os clíticos na história do português*, observa a evolução nos padrões de colocação dos clíticos em textos literários escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 16 ao 19. De acordo com os resultados apresentados pela autora, há um aumento na frequência de clV em textos do século 15 ao início do século 17³, com taxas de 73,5% no texto de *Afonso Albuquerque* (1462?); 97,1% no texto de *Damião Góis* (1502); 98,1% no texto de *Fernão Mendes Pinto* (1510); 72,5% no texto de *Diogo do Couto* (1542) e 92,3% no texto de *D. Francisco Manuel de Mello* (1608). Os Sermões do *Padre Antonio Vieira* (1608), para A. M. Martins, refletem um novo padrão enclítico nos contextos de variação. A partir daí, a ordem Verbo-clítico é o padrão atestado nos textos de modo que a próclise cai significativamente, com taxas de 31,6% nos Sermões de *Vieira*; 27,3% no texto de *Luís António Verney* (1713);

³ Importante se faz dizer que A. M. Martins considera a data de nascimento dos autores, e é essa informação que é referida.

19,3% no texto de *Almeida Garrett* (1799) e 2,4% no texto de *J. P. Oliveira Martins* (1845).

A. M. Martins afirma que é no século 17, mais especificamente nos Sermões do *Padre António Vieira*, que transparecem propriedades de uma gramática inovadora, o PE; ou seja, a ordem Vcl passa a ser o padrão na ordenação de clíticos, em contextos até então variáveis na história do português.

Para além do aumento significativo de ênclises em orações finitas não-dependentes ‘neutras’ (i.e., não introduzidas por quantificadores, determinados advérbios, sintagmas interrogativos ou focalizadores – por constituírem “ambientes proclisadores”), a perda da propriedade de interpolação de outros constituintes exceto o não (também evidenciada nos textos posteriores aos *Sermões de Vieira*) é interpretada por A. M. Martins como um fenómeno associado ao advento da gramática do PE. Olhemos mais de perto os argumentos da autora.

No que diz respeito à evolução das ordens Vcl/clV nos textos, como já dito, A. M. Martins encontra nos *Sermões de Vieira* apenas cerca de 30% de próclise. As próclises encontradas são interpretadas como associadas a construções de focalização, contexto este de não-variação na colocação dos clíticos na história do português.

Associados ao significativo aumento da ordem Verbo-clítico, atestado nos textos posteriores aos *Sermões de Vieira*, os resultados apresentados por A. M. Martins mostram que a interpolação de constituintes diferentes de “nã” entre o verbo e o clítico ocorre apenas em textos escritos até o século 17, exceto em *Os Sermões*. Por outros termos, a partir do texto de Vieira apenas a interpolação de “nã” é encontrada nos textos de portugueses nascidos nos séculos 18 e 19. Nas palavras da autora, “o aparecimento em força da ênclise e a perda da interpolação ocorrem concomitantemente. [...N]os sermões de Vieira, a ênclise é dominante e só [o constituinte] “nã” aparece interpolado” (A. M. MARTINS, 1994, p. 276).

A. M. Martins defende, então, que *Os Sermões* do Padre Antonio Vieira, por apresentar um padrão enclítico em orações finitas não-dependentes ‘neutras’ (já que os casos de próclise são interpretados como construções de focalização) e ausência de interpolação de demais constituintes exceto “*não*”, é um texto representativo de uma nova gramática, o PE.

Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) (doravante GBPS), com base na análise dos padrões de ordenação dos constituintes em textos de portugueses que constituem o *corpus Tycho Brahe*, propõem, entretanto, uma análise diferente. Vejamos em que direção.

As autoras apresentam uma análise dos padrões de colocação dos pronomes clíticos na história do Português, mais especificamente no período que corresponde aos séculos 16 a 19. As autoras apresentam a análise de 5.369 orações afirmativas não-dependentes extraídas de textos escritos por autores nascidos entre os anos de 1542 e 1836. GBPS buscam evidências empíricas, considerando a alternância na ordem linear dos clíticos, de que os autores nascidos em meados do século 18 são representativos da primeira geração de falantes da gramática do PE. Na proposta das autoras, o início do século 18 marcaria o advento do PE, diferentemente da proposta de A. M. Martins que, com base nos padrões de ordenação de clíticos no texto *Os Sermões* de Vieira, defende ser o século 17.

GBPS organizam e classificam os dados em três (grandes) contextos: (i) *contextos de Variação I* – complexo Vcl precedido por sujeitos não-focalizados, advérbios não fronteadores de VP, ou sintagmas Preposicionais (não argumentos) (cf. (5)); (ii) *contextos de Variação II* – orações segundas-coordenadas com o verbo em primeira posição e orações em que Vcl é precedido por orações dependentes (cf. (6)); e (iii) *contextos de não-variação* – em que a próclise, de um lado, é categórica quando V é precedido por elementos focalizadores, operadores afetivos e advérbios de VP (cf. (7)) e a ênclise, de outro

lado, é categórica em orações em que o verbo ocupa necessariamente a primeira posição absoluta da oração (cf. (8)).

- (5) a. *Eu corro-ME de dizer o que padeço* (Melo, 1608)
- b. *Ele ME disse que pasmava como lhe abastava o que tinha* (Sousa, 1554)
- c. *Depois sucedeo-LHE o Mirão, seu sobrinho, ...* (Couto, 1542)
- d. *Hoje ME parto.* (A. Chagas, 1631)
- e. *A esse respeito Prado diz-ME: Queiroz, não sei se Você já o viu depois de casado*”. (Ortigão, 1836)
- f. *Com este aviso LHE foi juntamente infundida notícia dos excessos que entre duas súbditas suas passava.* (Bernardes, 1644)
- (6) a. *Achou-OS ditosamente, falou-lhes, e rendeu-lhes a largarem aquela vida brutal, e virem a ser filhos da Igreja, e vassallos do Império Português.* (A. Barros, 1675)
- b. *Para os começar a render, amimou-OS com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligíveis, que grata.* (A. Barros, 1675)
- (7) a. *Bem ME importava entender ao certo o que se passa...* (Melo, 1608)
- b. *Muito VOS desejei cá ontem para ouvires explicar a Ene este retrato.* (Melo, 1608)
- (8) *Defendeu-O, emparou-o (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe...* (Sousa, 1556)

(GBPS, 2005, p. 42-49)

A proporção da próclise nos *contextos de variação I* atestada nos textos de portugueses nascidos entre 1548 e 1836, com base no estudo de GBPS, pode ser observada no gráfico da figura 1, a seguir.

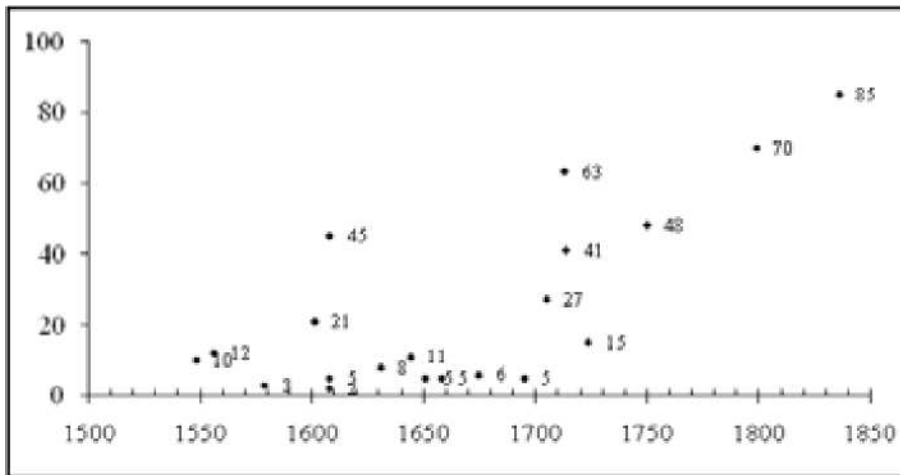


Figura 1. Ênclise em *contextos de variação I* em português (adaptado de GBPS, 2005, p.44-45)

Como referem as autoras, dois diferentes momentos são evidenciados no gráfico da *figura 1*: de um lado, a proporção de ênclise encontrada nos textos escritos por autores nascidos até o final do século 17 é, em média, de 10%, com exceção dos textos *A arte de Furtar* do Padre Manuel da Costa (com 21%) e *Os Sermões de Vieira* (com 45%)⁴; de outro lado, há um aumento gradativo na proporção de ênclise nos textos escritos por autores nascidos a partir do início do século 18. Nos textos escritos pelo último autor representante do século 18, *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e pelo primeiro (e único) autor do século 19, *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, a proporção de ênclise chega, respectivamente, a 70% e 85%.

Voltemos agora às ênclises encontradas nos textos (barrocos) do Padre Antonio Vieira e do Padre Manoel da Costa. Em especial, *Os Sermões* de Vieira apresentam uma proporção de ênclise que destoa do padrão geral encontrado nos textos escritos por portugueses nascidos até o século 17. É o caso “*dos Sermões de Vieira*”... Como já dito, A. M. Martins encontra 68% de ênclise nos *Sermões* e interpreta esse resultado como evidência empírica de que esse texto é representativo de uma nova gramática, o PE.

No confronto do padrão de colocação dos clíticos nos *Sermões de Vieira* com aquele encontrado nos

⁴ É importante destacar que Ana Maria Martins e GBPS encontram diferentes percentuais de clV nos Sermões do Padre Antonio Vieira, 68% e 45%, respectivamente, porque consideram diferentes critérios de identificação dos contextos de variação. A. M. Martins, diferentemente de GBPS, não separa as orações segundas-coordenadas.

⁵ GBPS interpretam a elevada ocorrência de ênclises nestes textos como um contexto estilisticamente marcado, como veremos com mais vagar no texto que segue.

demais textos de autores nascidos neste século (como *A arte de Furtar* do Padre Manuel da Costa, nascido em 1601, também no começo do século 17, como Vieira), inclusive com o padrão atestado nas *Cartas* do próprio Vieira (com apenas 2% de ênclise), GBPS interpretam a elevada proporção de ênclise nos *Sermões* como um caso possível no Português Médio. Para as autoras, em textos escritos até esse século a ênclise e a próclise correspondiam a duas estruturas distintas com usos estilisticamente marcados: a próclise era uma construção neutra (ou não-marcada) e a ênclise, no período que corresponde ao PC, uma construção marcada. No espírito dessa análise, as ênclises encontradas nos *Sermões de Vieira* são interpretadas como construções marcadas em que o constituinte pré-verbal (no contexto XVcl) é um *tópico contrastivo*, e, conseqüentemente, associado a uma posição de adjunção.

Logo, *Os sermões de Vieira* não seriam, necessariamente, representativos de uma nova gramática em que o padrão de colocação dos pronomes clíticos em contextos de variação é a ordem Verbo-clítico. As ênclises nesse texto seriam construções marcadas de tópico contrastivo em que o constituinte pré-verbal estaria associado a uma posição de adjunção, externa à estrutura oracional. A gramática do PE estaria refletida, segundo a análise de GBPS, apenas em textos do século 18, período em que há um aumento significativo na proporção de ênclise em textos escritos por portugueses nascidos a partir desse século.

Dentre os resultados gerais apresentados por GBPS acerca da variação Vcl/clV no *contexto de variação I*, o contexto XV em que X é um sujeito lexical parece traçar mais claramente o percurso da mudança envolvendo a colocação de clíticos na história do PE. Observem-se os resultados de GBPS projetados no gráfico da figura 2 que segue.

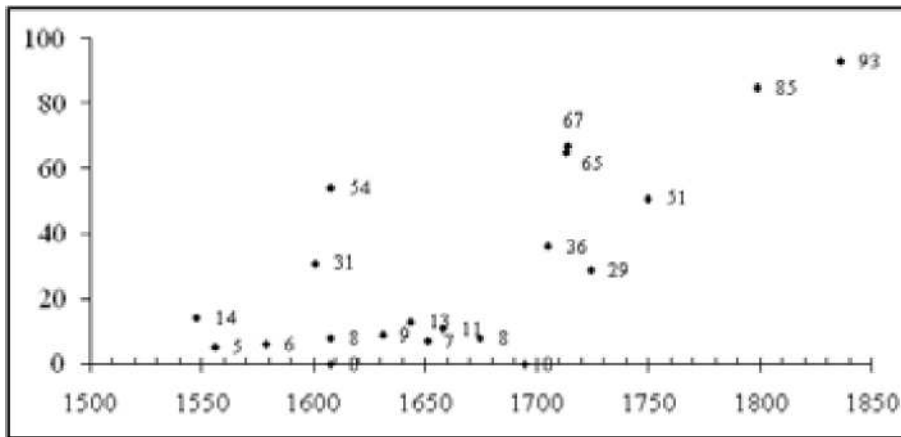


Figura 2. Ênclise em orações com sujeitos pré-verbais (adaptado de GBPS, 2005, p.46)

Com exceção de *Os Sermões* de Vieira, com 54%, e de *A arte de Furtar* de Manuel da Costa, com 31%, GBPS encontram, em textos escritos por portugueses nascidos até o final do século 17, baixas taxas de ênclise, de 10%, em média, em *contextos de variação I*. O aumento na proporção de ênclise em textos escritos por portugueses nascidos a partir do início do século 18 é mais significativo no contexto Sujeito Verbo (SV): de 70% e 85% nos textos de *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e de *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, para, 85% e 93%, respectivamente.

Os resultados obtidos por GBPS mostram que, em orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais, há um (significativo) aumento na proporção de ênclise de 0% a 36% entre os textos escritos pelo *último autor representativo do século 17*, *Alexandre Gusmão* (nascido em 1695), e o *primeiro autor representativo do século 18*, *Matias Aires* (nascido em 1705), respectivamente.

2.2 do PC ao PB

O estudo da sintaxe de ordenação de clíticos associado ao processo de implementação da gramática do PB tem sido um campo fértil de análises em português (cf. PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992; CARNEIRO, 2005, M. A. MARTINS, 2009). Nesta seção, em específico, farei

referência apenas a aspectos relacionados à evolução da próclise em *contextos de variação diacrônica* e às inovações da gramática do PB. Sobre esse segundo aspecto, retomo resultados obtidos com base em análise de textos escritos sobre a próclise em orações finitas com o verbo em primeira posição absoluta e sobre a próclise ao verbo temático (não-finito) em estruturas verbais complexas.

Antes de mais é importante dizer que muitos desses estudos, desde os trabalhos de Fernando Tarallo (TARALLO, 1992), apontam o século 19 como um marco no processo de implementação da gramática do PB, contrapondo a variedade brasileira à variedade europeia do português. De fato, a escrita brasileira do século 19 reflete um período complexo com padrões diversificados e uma sintaxe bastante específica. Em relação às origens da variante brasileira do português, no entanto, assumo outra postura.

Como referido anteriormente, os trabalhos recentes de Charlotte Galves e colaboradoras no projeto temático *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística* (GALVES, 2004; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; GALVES, 2007) têm defendido que, assim como a gramática do PE, a gramática do PB, *no século 18*, se distanciou da gramática de um sistema médio, ou da gramática do PC. Nesse sentido, e na companhia das autoras, assumo que “*o português d’aquém e d’além-mar*” tem como herança comum a gramática do PC.

Muito embora muitos dos estudos por mim retomados no que segue não tenham como ponto de comparação a gramática do PB com a gramática do PC, minha perspectiva de análise e observação dos resultados apresentados será norteada pela comparação entre estas duas gramáticas do português. No que se refere ao português escrito no Brasil, no entanto, para além das questões relacionadas à dificuldade de acesso a textos escritos por brasileiros, há, sobretudo no curso do século 19, a influência na escrita, sob a pressão da norma, da gramática do PE. Por outras palavras, há na escrita

brasileira, sobretudo do século 19, um fator complicador a mais, que me leva a defender que os textos escritos nesse período refletem a competição não entre duas, mas entre três gramáticas do português (cf. GALVES; CARNEIRO, 2006).

Pagotto (1992) apresenta uma análise diacrônica da ordenação de clíticos em português com base numa amostra extraída de um *corpus* de natureza vária. A análise do autor contempla, num total de 1.436 orações, diferentes contextos sintáticos e, conseqüentemente, diferentes padrões de variação de ordenação em textos escritos no curso do século 16 ao século 20. Os dados analisados pelo autor estão divididos em quatro variáveis que correspondem a: (a) orações com um único verbo não precedido de negação ou advérbio; (b) orações com um único verbo precedido de negação ou advérbio; (c) orações com grupos verbais não precedidos de negação ou advérbio; e (d) orações com grupos verbais precedidos de negação ou advérbio. Retomo no que segue alguns de seus resultados relacionados aos contextos de variação diacrônica e àqueles característicos da gramática do PB.

Considerando os ambientes de variação diacrônica em que estão excluídos os casos em que o verbo é precedido por elementos “atratores” e por gerúndios e infinitivos, a variável (a) soma um total de 436 dados. A evolução da próclise nesse contexto, marcados nos anos de 1500 a 1950, nos intervalos de 50 anos é de: 83%, 84%, 92%, 88%, 85%, 85%, 55%, 29% e 54%.

Os resultados obtidos por Pagotto mostram três quadros interessantes, como refere o próprio autor: primeiramente, a próclise é o padrão de ordenação em textos escritos até o início do século 19; em segundo lugar, apenas nos textos do final do século 19 há uma queda gradativa da próclise de 89% para 55% e para 29% nos textos do início do século 20; em terceiro lugar, há nos textos da segunda metade do século 20, novamente, um aumento na proporção da próclise para 54%. Em relação ao primeiro quadro, Pagotto assume que o padrão proclítico

atestado nos textos não pode refletir a gramática do PB tendo em vista que os textos analisados desse período são, claramente, de autores portugueses. Em relação ao segundo quadro, o autor interpreta a queda da próclise nos textos do século 20 como reflexo da pressão do padrão enclítico da gramática do PE. O terceiro quadro parece revelar, enfim, nos textos da segunda metade do século 20, o padrão proclítico da gramática do PB.

Como bem refere Carneiro (2005, p. 19) em relação aos resultados obtidos por Pagotto, se a próclise atestada nos textos dos séculos 16-18 não corresponde à gramática do PB e os textos da segunda metade do século 19 e do século 20 refletem a pressão na escrita do padrão enclítico da gramática do PE, não fica clara a implementação da gramática brasileira nos textos analisados por Pagotto. Ou, dito de outro modo, não se percebe nos textos o momento em que o padrão proclítico da variedade brasileira é depreendido nos textos.

⁶ Em seu texto, a autora faz referência ao ano de 1800 (CARNEIRO, 2005, p. 172). Mas creio ser um equívoco, haja vista a sequência cronológica por ela apresentada.

Carneiro (2005) apresenta dados interessantes a esse respeito. A autora descreve os padrões de ordenação de clíticos num *corpus* de cartas pessoais escritas por brasileiros, nascidos no litoral e no sertão baiano, editadas pela autora, no período que compreende o século 19 – entre 1809 e 1907, mais especificamente. De modo geral, a autora encontra padrões diversificados na ordenação de clíticos. Retomo no que segue aqueles relacionados aos *contextos de variação diacrônica* em orações com verbos simples (que fazem referência, na verdade, aos contextos de variação relacionados aos resultados de Pagotto, apresentados acima – ou ao *contexto de variação I*, como denominado por GBPS, 2005).

Para uma análise comparativa com os resultados de outros estudos (inclusive com os resultados obtidos por Pagotto) sobre a diacronia do português, Carneiro (2005) apresenta os padrões de ordenação de clíticos nas cartas em três grupos: (1) em 1775 aqueles nascidos entre 1724 e 1799; (2) *em 1825* aqueles nascidos entre 1800 e 1850; e (3) em 1875 aqueles nascidos entre 1851 e 1900⁶. Os

resultados do estudo de Carneiro e do estudo de Pagotto estão projetados nos gráficos da figura 3, a seguir.

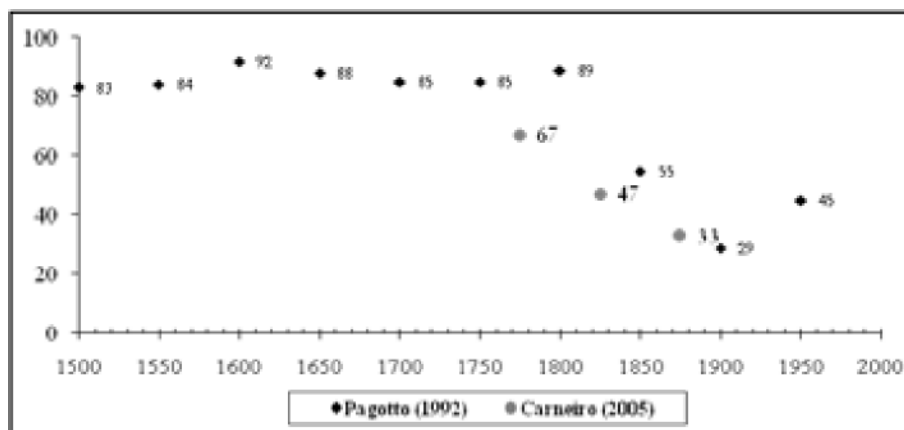


Figura 3. Próclise em contextos de variação diacrônica em português – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos

Bastante interessante é o fato de a proporção de clV nas cartas brasileiras mostrar uma defasagem na queda da próclise em relação à proporção de clV nos textos analisados por Pagotto; ou seja, quando considerada a data de nascimento do autor e não a data de publicação do texto, uma queda significativa na proporção de clV é atestada já na escrita de brasileiros nascidos na segunda metade do século 18.

Em M. A. Martins (2009), apresento uma análise dos padrões de ordenação de clíticos em peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, no curso dos séculos 19 e 20. Para uma análise comparativa, projeto, nos gráficos da figura 4, na sequência, as taxas de próclises encontradas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 (cf. M. A. MARTINS, 2009, p. 294) e aquelas encontradas por Pagotto (1992). É importante salientar que retomo nos gráficos as taxas de próclise em orações finitas não-dependentes em que o verbo é antecedido por um sujeito, um advérbio não-modal ou um sintagma preposicional, não focalizados – contextos XclV.

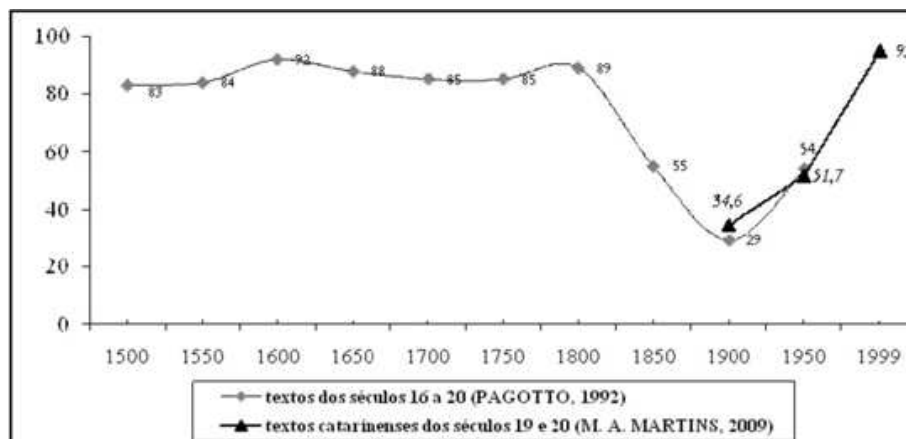


Figura 4. XclV na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos

Observe-se que a curva delineada pelas taxas de próclise na escrita catarinense acompanha aquela sugerida pela análise de Pagotto (1992) com base em textos dos séculos 16 a 20. Há um aumento na média simples das taxas de *XclV* de 34% em textos publicados/apresentados no início do século 20 para uma média de 51,7% e de 95%, respectivamente, em textos da metade e do final do século 20.

Os gráficos na figura 4, acima, reforçam a tese de que a escrita brasileira do século 19 reflete padrões divergentes no que se refere à ordenação de clíticos. Há uma queda no padrão *XclV* da gramática do PC, a partir de textos de portugueses nascidos no curso do século 18, que, em uma direção, tende a estabilizar um outro padrão, enclítico (*XVcl*), interpretado em muitos estudos como o reflexo de uma mudança sintática que está na origem do PE. Em outra direção, a queda do padrão *XclV* da gramática do PC em textos do século 18 é interrompida e atesta-se em textos de catarinenses nascidos nos séculos 19 e 20 o aumento progressivo do padrão proclítico, *XclV*, da gramática do PB.

Em relação à próclise ao verbo não-finito (ou temático) em estruturas verbais complexas, Pagotto (1992), Carneiro (2005) e M. A. Martins (2009) encontram resultados igualmente interessantes. Nos gráficos na

figura 5, a seguir, apresento a proporção de clV ao verbo não-finito em complexos verbais (que dizem respeito à construção $V_{1 \text{ finito}} \text{ clV}_{2 \text{ não-finito}}$) encontrada por Pagotto (1992) e por Carneiro (2005).

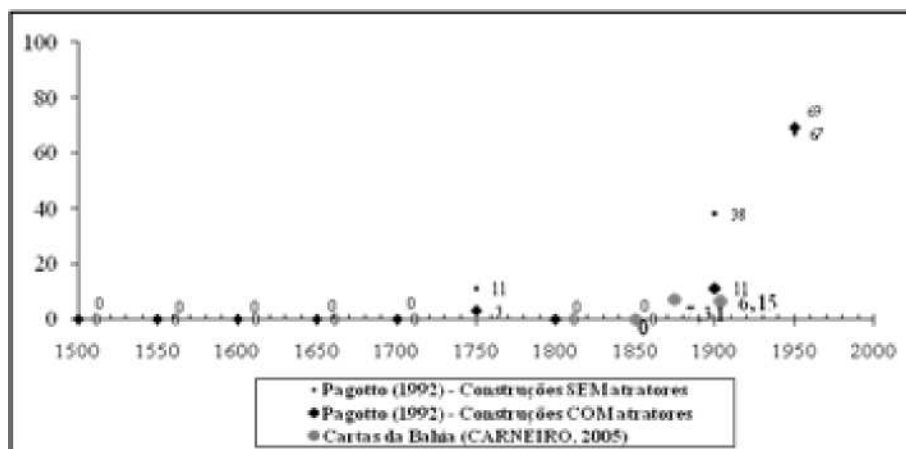


Figura 5. Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na diacronia do português (do Brasil) – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos

Observe-se que, considerando os resultados de Pagotto, a construção inovadora da gramática do PB, com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, é já atestada em textos do século 18 (11% em contextos SEM atratores e 3% em contextos COM atratores). Por esse motivo defende o autor que este seja o século em que houve uma mudança paramétrica que está na origem da gramática vernacular brasileira. Nos resultados de Carneiro estão reunidos no ano 1850 os autores nascidos entre 1727 e 1788; no ano 1875, aqueles nascidos entre 1800 e 1850 e no ano 1904 os nascidos entre 1851 e 1880. Os resultados apresentados pela autora confirmam a tendência sugerida por Pagotto.

Por fim, os gráficos na figura 6, *a seguir*, ilustram o proporção da próclise ao verbo não-finito em complexos verbais em português, tendo em vista os resultados de Pagotto e aqueles apresentados por M. A. Martins (2009) em relação à escrita catarinense.

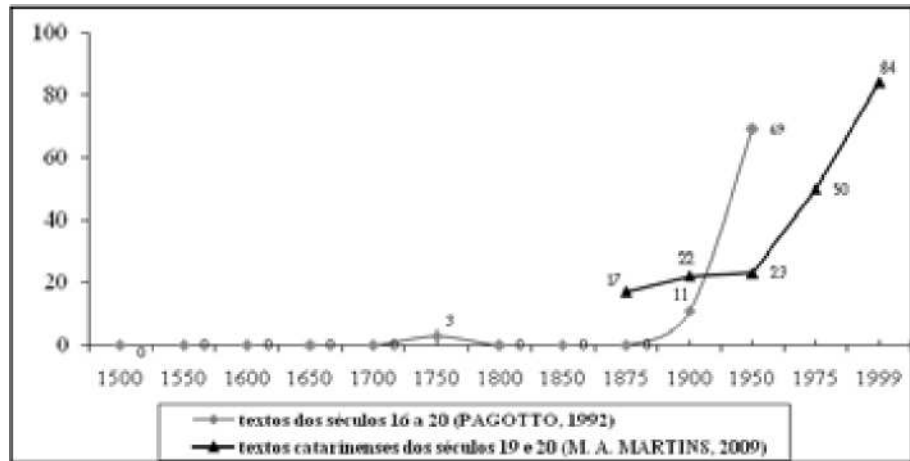


Figura 6. Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos

Como se pode observar, os resultados de Pagotto mostram que já em textos do século 18 atesta-se a construção com próclise ao verbo não-finito, característica da gramática do PB. Os resultados do autor fazem referência apenas às construções com um elemento atrator em posição inicial, que desencadearia a próclise ao complexo. Os resultados relacionados à escrita catarinense incluem todas as construções V_1c/V_2 .

De qualquer modo, quer em textos dos séculos 16 a 20, quer na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, há um aumento significativo nas construções V_1c/V_2 na passagem do início para o final do século 20 (de 11% para 69% e de 23% para 84%, respectivamente).

É importante referir ainda que a próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta (próclise a V1). Em relação à próclise nesse contexto, o estudo de Pagotto, registra apenas uma ocorrência em um texto (muito provavelmente) do século 20. Já os estudos de Carneiro (2005) e M. A. Martins (2009) registram em textos de autores nascidos no século 19, respectivamente, 13 ocorrências em cartas brasileiras escritas na Bahia no século 19 (cf. (9)) e 5 ocorrências em peças de teatro escritas por brasileiros nascidos em Santa Catarina (cf. (10)) de próclise a V1.

- (9) a. ME parece que não proponho, nem tenho pe-|-dido nenhum de proposito, para que ate hoje| não tenha sido attendido, e tenha de ver a offi-|cina continuar no estado pouco lisongeiro| em que a consideram.| *carta 158*
- b. ME diz a consciencia *que* ainda| não commetti acto algum com| relação a sua pessoa pelo qual|2r. se posso dizer que eu hoje sou menos| dedicado a si, entretanto que aqui| se diz o contrario, e se me tem como| um dos mais dedicados e afeiçoados| seu. *carta 442*
- c. ME| disse o Vigário Sabino que a mortandade *que* fêz Moreira Cezar, calcula-se em dois mil| pois não se pode contar, isso dito por dois| individuos *que* o conselheiro fez prisioneiro, *eque*| depois soltou-os que tinham marchado com o ga-|do. *carta 464*
- c. NOS dê suas| noticias. *carta 463 h*
- d. LHE dirigi carta *por* o Coronel Porfirio do-| Geremoábo que passou *para Bahia* em 7 do-| *corrente* que não acusa recebida.| *carta 464*
- e. ME| responda se a relação tem pode-|res de impedir que se faça inventario| *porque* o Gallo <ou outra pessoa> me disse *que* eu requere-se| a relação alegando motivo justo| que não havia bens a inventario eu ig|noro *Porque* o *que* tenho é *para* os filhos, afim| de ver se posso realizar a educação| delles, *para que* se repartir? *carta 472*

(CARNEIRO, 2005, pp. 148-150)

- (10) a. ME chamaste, meo coração? [*LIVRAMENTO, 1853*]
- b. Ai! Que eu estou sufocado! ME largue! [*LIVRAMENTO, 1853*]
- c. TE recordas se Valentim era ruivo?... [*LIVRAMENTO, 1853*]
- d. *Maria Rosa* – Já sei; já sei que a festança vai ser grossa, pois foi convidada toda aquela gente rabujenta e de altos coturnos que aqui estive no dia em que os patrões festejaram as bodas de prata. / *Maneca (Aproximando-se)* – Mas, TE digo, *Maria Rosa*, com muita sinceridade: não tenho inveja de nada disso... [*JUVENAL, 1884*]
- e. Não me culpes. ME perdoa. Foste mais forte, confesso. [*NAHAS, 1898*]

(M. A. MARTINS, 2009, p. 171)

Os resultados apresentados por Carneiro e M. A. Martins são interessantes no sentido de que registram a ocorrência de próclise com o verbo em primeira posição absoluta em textos escritos por brasileiros nascidos já no século 19. Como já dito, esse é um contexto categórico de Vcl na história do português, de modo que a ordem clítico-Verbo em construções V1 absolutas é entendida como uma forte característica da gramática do PB.

3 Para concluir, o português de gramática a gramáticas – ou a sintaxe de ordenação de clíticos em textos escritos entre os séculos 13 e 20

Tendo por base textos escritos ao longo dos séculos 13 a 20, apresentei ao longo desse artigo estudos diversos no que se refere à descrição dos padrões empíricos de ordenação dos pronomes clíticos na diacronia do português. Sistematizo, nesta seção, os diferentes padrões atestados, interpretados como reflexos de mudança linguística que distancia as gramáticas do PA, PC, PE e PB.

Em textos portugueses escritos entre os séculos 13 e 16, ou na gramática do PA, a sintaxe da ordem dos clíticos pode ser assim sistematizada (A. M. MARTINS, 1994): (i) há próclise categórica em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores (que ocupam uma posição interna à oração e que têm uma leitura quantificacional), com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) há ênclise categórica em contextos V1; (iii) há variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) há interpolação de constituintes instanciados por núcleos (X^o) ou projeções máximas (XP).

Em textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos 16 e 18 (cf. A. M. MARTINS, 1994; GBPS, 2005), ou na gramática do PC, há (i) próclise categórica

em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) ênclise categórica em contextos V1; (iii) próclise largamente majoritária em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação reduzida.

Em textos portugueses dos séculos 18 e 19, ou na gramática do PE, há próclises e ênclises categóricas nos contextos descritos, respectivamente, em (i) e (ii) acima; (iii) variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da ênclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação residual. Na gramática do PE, o padrão no contexto descrito em (iii) é a ênclise (cf. A. M. MARTINS, 1994; RAPOSO, 2000).

Em textos brasileiros dos séculos 18 a 20 a ordenação de clíticos é bastante complexa, sobretudo na escrita do século 19 (cf. PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992; CARNEIRO, 2005; M. A. MARTINS, 2009). Tem-se assumido que nessa nova variedade do português, em sua versão vernacular, a próclise (em todos os contextos) é o padrão de ordenação de clíticos. A análise da escrita brasileira, em particular do século 19, tem mostrado padrões interessantes na ordenação de clíticos: (i) há próclise categórica, com alguns poucos casos de ênclise (interpretados como *hipercorreção*), em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) há o aumento progressivo da próclise em contextos V1 e (iii) variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e atesta-se ainda (iv) interpolação residual, sobretudo na escrita dos séculos 18 e 19. Na gramática do PB há próclise categórica em orações finitas não-dependentes em contextos “neutros”, aumento progressivo de próclise em contextos V1, cliticização a V e ausência de interpolação.

Referências

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2005.

GALVES, Charlotte. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth & CYRINO, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 513-528.

GALVES, Charlotte. *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística – Fase II*. UNICAMP CAMPINAS. Projeto de pesquisa FAPESP, 2004.

GALVES, Charlotte; Helena BRITTO; Maria Clara PAIXÃO DE SOUSA. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4 , n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, 2005, pp. 39-67.

GALVES, Charlotte; CARREIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Clitic-placement in the history of Brazilian Portuguese: a case of three-grammar competition*. Apresentação ao DiGS, 2006.

GALVES, Charlotte, NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHÄFER-PRIEB, Bárbara (eds.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Turbigen: Calapinus Verlag, 2006, p. 45-75.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Tradução de Maria Gouveia Delilie. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006 [1933].

KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, 1989, p. 199-244.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1994.

MARTINS, Marco Antonio. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Lingüística/UFSC, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. Especial, 2004, p. 247-276.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas, 1992.

RAPOSO, Eduardo. Clitic positions and verb movement. In: COSTA, João (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, 2000, p. 266-297.

TARALLO, Fernando. Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese. In: GUY G.; BAUGH, J.; SCHIFFRIN, D. (eds.). *Festschrift to William Labov*, 1992.